

# Alfredo Dantas e Manoel Almeida Barreto: pensamento e educação em Campina Grande / PB (1919-1942)

ALFREDO DANTAS AND MANOEL ALMEIDA BARRETO: THOUGHT AND EDUCATION IN CAMPINA GRANDE / PB (1919-1942)

Vivian Galdino de Andrade

Universidade Federal da Paraíba / UFPB | [vivetica@hotmail.com](mailto:vivetica@hotmail.com)

## RESUMO

Este artigo busca discutir a participação de Alfredo Dantas e Manoel Almeida Barreto na elaboração de uma finalidade educacional para as escolas campinenses durante as décadas de 1920 a 1940. Estes educadores/intelectuais eram professores do Instituto Pedagógico, escola precursora de uma educação profissional na cidade de Campina Grande/PB. Como protagonistas na produção de um esboço de educação para Campina Grande, eles são aqui pensados como partícipes de uma “*intelligentsia* campinense”. Orientados pelos pressupostos da História dos Intelectuais e também pela Nova História Cultural foi que utilizamos as fontes de autoria jornalística para pensar os sentidos compartilhados no interior dos discursos, tentando associar o tema da educação como partícipe de um processo de modernização da cidade de Campina Grande, associada à construção de uma sociedade ordenada, asseada e laboriosa.

**Palavras-chave:** *Intelligentsia* campinense. Educação. Impressos pedagógicos.

## ABSTRACT

This article discusses the participation of Alfredo Dantas and Manoel Almeida Barreto in developing an educational purpose for campinenses schools during 1920 and 1940. These educators were teachers of the Pedagogical Institute, the precursor of a vocational education school in the city of Campina Grande / PB. As protagonists in the production of an educational for Campina Grande, here they are thought of as participants of a “*intelligentsia campinense*”. Guided by assumptions History of Intellectuals and also by the New Cultural History was to use the sources of journalistic authorship to think about the shared

meanings within the discourse, trying to link the issue of education as a participant in a process of modernization of the city of Campina Grande, associated with an ordered construction company, neat and laborious.

**Keywords:** *Intelligentsia* campinense. Education. Educational printed matter.

Este artigo é parte integrante de minha tese de doutoramento<sup>1</sup> no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Ele visa discutir a participação de Alfredo Dantas e Manoel Almeida Barreto na elaboração de uma finalidade educacional para as escolas campinenses durante as décadas de 1920 a 1940. Professores do Instituto Pedagógico, escola que funcionou na cidade de Campina Grande<sup>2</sup> durante os anos de 1919 a 1942, estes pensadores produziram um esboço de educação para a cidade, sendo interpretados por nós, neste artigo, como intelectuais, elaboradores de ideias que estavam voltadas para o engrandecimento da pátria a partir da formação de cidadãos locais.

Fundado pelo Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes, em 17 de fevereiro de 1919, o Instituto Pedagógico funcionou de início na Rua Barão do Abiaí, sendo transferido nos anos de 1930 para a Rua Marquês do Herval, no prédio municipal cedido pelo presidente João Pessoa. Antiga sede do Grêmio de Instrução Campinense, amplia suas instalações físicas e funda as chamadas “Escolas Anexas”, nas quais passou a funcionar a Escola de Instrução Militar General Pamplona (incorporada ao Tiro de Guerra Nacional), mais conhecida como Escola de Tiro 243, o Curso Comercial Propedêutico e Peritos Contadores e a Escola Normal João Pessoa, tornando-se o primeiro estabelecimento secundário que conferiu títulos técnicos profissionais no interior da Paraíba.

Tanto a instituição, como a cidade de Campina Grande, tiveram sua imagem construída pelos diversos veículos jornalísticos, tanto os de livre circulação estadual como aqueles que eram produzidos pela própria escola,

---

<sup>1</sup> A tese denominada “Alfabetizando os *filhos da Rainha* para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande (1919-1942)” foi orientada pela Dra. Cláudia Engler Cury, e defendida em agosto de 2014.

<sup>2</sup> Conhecida como Rainha da Borborema, é a segunda maior cidade da Paraíba. Concebida como entreposto comercial, ela se localiza no agreste paraibano, entre a capital do estado e o sertão.

tais como a *Revista Evolução*, o *Evolução Jornal* e o jornal *Comercio de Campina*. Tais impressos possuíam intenso trânsito e traziam discussões sobre a cooperação dos pais na educação infantil, a cobrança de mensalidades, conselhos higiênicos, perfil das normalistas e as festividades escolares. Destas produções, apenas a *Revista Evolução* e o *Jornal Comercio de Campina* serão nossas fontes para este artigo, tendo em vista que apenas estes dois gêneros<sup>3</sup> eram liderados e editados por Alfredo Dantas e Manoel Almeida Barreto.

Instrumentos de normatização de condutas, essa imprensa educacional tinha um repertório diversificado, tratando desde as questões políticas e pedagógicas às sociais e culturais, assuntos que ultrapassavam o campo educacional. Partidaristas, levantavam em suas matérias inúmeros conteúdos e notícias que apoiavam o governo de Getúlio Vargas<sup>4</sup>. Forte também era a presença do presidente paraibano morto - João Pessoa - que aparecia como mártir e exemplo enaltecido aos leitores/as.

A *Revista Evolução*<sup>5</sup> era um *magazine* produzido pelos próprios/as professores/as e alunos/as do Instituto Pedagógico, editado para ser um espaço de circulação de ideias. Funcionou entre os anos de 1931 e 1932 em tiragem mensal. Além de Alfredo Dantas e de seu redator-chefe Manoel Almeida Barreto, compunham ainda sua equipe editorial as professoras Herundina Campêlo e Tetê Campêlo. Provida pelo Instituto Pedagógico e mais ainda pelos anúncios que publicava, a Revista cobrava por assinatura mensal 12\$000 e o número avulso 1\$200. Gênero noticioso, voltado à comunicação e à propaganda, a Revista seguia uma “[...] linha relativamente próxima à dos jornais, mas o tratamento das notícias é mais livre e interpretativo, a apresentação gráfica e o estilo redacional mais ameno e dá-se mais destaque a artigos, críticas, notas, entrevistas etc.” (Barbosa; Rabaça *apud* FRADE, 2005, p. 99).

---

<sup>3</sup> Araújo (2002, p. 99) aponta que existem distinções do que se compreende como jornais e revistas, sendo o jornal um escrito de acontecimentos diários e a revista “[...] uma publicação periódica em que se divulgam artigos originais, reportagens etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e outras publicações. [...]”.

<sup>4</sup> O contexto de produção dos impressos perpassou o início do Governo Vargas, que atuou na presidência do Brasil de 1930 a 1945.

<sup>5</sup> Foram encontrados nove fascículos, que traziam fotos de personagens importantes nas capas, como interventores, médicos, professores renomados e políticos.

O termo que lhes dá identidade - Evolução - traduz as similaridades entre a instituição e a cidade, é o que dispõe o *magazine* quando anuncia que “[...] seu título equivale a um programa veiculado pelo sopro de vida emergente do seio pletórico, que é o meio social de Campina Grande” (*Revista Evolução*, Nº 1, 1931, p. 9). Editada por “[...] valioso núcleo de espíritos com capacidade para dinamizar o progresso nas letras, ela se destinava à sociedade em geral” (Idem) e tinha como finalidade “[...] agremiar inteligências cultas no intuito de coordenar esforços no apiário das letras” (Ibidem). Mesmo contendo produções discentes, que em sua grande maioria compreendiam as zonas dos poemas, receitas e charadas, esse periódico também editava textos de homens ilustres, de renome na cidade, como médicos e inspetores/as<sup>6</sup>. Para seus editores,

Pelos Estatutos do “Instituto Pedagógico”, esta revista teria o nome de Revista Pedagógica; contudo, parecemos mais acertado convertê-la em uma *magazine*, em que todos, á uma, colaborem em assuntos variados, consoante o pendor de cada um. Assim teremos, para servir ao paladar dos leitores, desde o artigo especializado, científico, literário, pedagógico, etc., até ao conto, á crônica leve e gentil e á charada chistosa e instrutiva. Fortificados pelo viático da razão, <Evolução> irá rumo ao Norte para onde “se inclina a divina bússola do Espírito Humano” (*Revista Evolução*, Nº 1, 1931, p. 9).

O progresso em que vivia a cidade parecia ser mais propício para induzir e nomear esse produto cultural que era a Revista do que as questões de fundo especificamente pedagógico. Dessa forma, também ela alcançaria mais leitores/as por lidar com conteúdos diversificados, mas que apesar

---

<sup>6</sup> Eram colunistas da *Revista Evolução* os médicos Elpídio de Almeida e Antonio de Almeida; Murilo Buarque (autor de poemas e do hino do Instituto Pedagógico), professor Alves Lima, Alfredo Dantas e Manoel Almeida Barreto (esse último que como editor-chefe pode ser autor de inúmeras matérias sem assinaturas publicadas na Revista); professora Celenia Pires (normalista que atuava na docência na Angola), professora Ana Leiros (professora do Grupo Escolar Sólon de Lucena) e professora Flávia Schuler (professora do Instituto Pedagógico); Iracema Marinho (poeta); Maria Anunciada Leal, Adayto Rocha e J. Lopes de Andrade (não conseguimos encontrar mais informações sobre essas pessoas), dentre outros (alguns desses autores assinam apenas com as siglas de seus nomes).

de distintos se assemelhavam e se direcionavam a um mesmo mote de discussão - o de ilustrar o penhor da pátria, a modernização da cidade e os eventos agenciados pela escola.

A *Revista Evolução* tinha um público mais professoral e juvenil. Já o *Jornal Comercio de Campina* era um “Órgão de interesses sociais” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932), que tinha no próprio nome o seu programa de discussão. Ambos os periódicos são tomados como um “[...] ‘*corpus documental*’ de inúmeras dimensões, pois consolida-se como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período” (CARVALHO et al., 2002, p. 72). Por eles, podemos ter a compreensão de parte de um processo histórico educacional vivenciado em Campina Grande, que edificou concepções educacionais para além do espaço institucional da escola.

Vieira (2005) alerta que, tomando a década de vinte do séc. XX como um marco da historiografia brasileira, de onde muitos estudos partiram para discutir a educação, a economia, o urbanismo, a arte como novos projetos de uma modernidade, não seria diferente pensar a imprensa como mais um elemento pedagógico propulsor desta modernização dos espaços. Pela tecnologia que ela incorpora, pela produção e circulação de notícias, como também pela possibilidade de trazer à tona debates que abrangem o local, mas também o nacional e o internacional, era a imprensa mais um braço desse cosmopolitismo modernizador que se instaurava no Brasil, e, por assim dizer, em Campina Grande. Segundo as ideias deste autor, podemos interpretar o *Comercio de Campina* como um jornal que representou meio privilegiado “[...] para a ação do sacerdócio modernizador” (VIEIRA, 2005, p. 2), influenciando a sociedade e formando a opinião pública em Campina Grande.

Hebdomadário, “órgão de defesa e publicidade de tudo que nos parecer oportuno” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932), o *Comercio de Campina* tratava de “[...] comercio, industria e lavoura, pecuaria, não esquecendo das classes proletarias com seus infinitos braços produtores, auxiliares indispensaveis para o progresso” (idem). Tinha ele então “[...] capacidade de amoldar as mentes ao exercício do mero registro da vida social” (VIEIRA, 2005, p. 2).

Este semanário, publicado aos sábados, representava uma rica possibilidade de expressar ideias tidas como progressistas, surgindo pela ausência de um impresso opulente que contivesse um programa variado de questões

à altura da cidade<sup>7</sup>, assim expressava seus redatores. Esta peculiaridade talvez garantisse sua sobrevivência por mais tempo do que de costume aos demais semanários locais da época. Concebidos como “heróis da educação”, Alfredo Dantas e Almeida Barreto buscavam suprir as necessidades ideológicas de Campina Grande, pois direcionavam seus trabalhos aos temas que eram reconhecidos como de interesse na cidade, como era o comércio.

Também constituía parte destes temas centrais abordados pelo jornal “O apoio e propaganda do ensino, pois claro que o futuro de um povo está dependendo de sua cultura” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932). O intuito estava em “instruir o povo em assuntos comerciais, industriais, cultura dos campos e obras sociais” (idem). Pontos como estes também davam ensejo à produção de ideias no cenário nacional, afinal vivia-se uma época em que a indústria e a educação profissional se uniam para impulsionar o mercado de trabalho brasileiro, enfatizando a construção de um sentido que revestia pessoas como o tenente Dantas e o professor Almeida Barreto como líderes educacionais em Campina Grande. Em defesa de uma educação mais técnica para o operariado, o jornal ainda cita que “É preciso fazer do povo um laboratório tecnico para organização consciente da industria sobre todos os aspectos” (*Comercio de Campina*, 9 de abril de 1932). Este foco sobre a educação profissionalizante também tornaria o jornal fundamental aos planos da cidade.

Veículo de propaganda das ações promovidas pelos professores e pelo Instituto Pedagógico, não deixamos de também encontrar no jornal *Comercio de Campina* comentários sobre questões políticas, que segundo os autores não “deturpassem o senso cívico” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932) dos leitores. Criado para preencher a lacuna deixada pelo *Jornal Brasil Novo*<sup>8</sup>, o jornal surge contemporaneamente à *Revista Evolução*, definindo os primeiros anos da década de 1930 como marcos de um poder que instaurava o Instituto Pedagógico como uma ‘escola referência’

<sup>7</sup> Segundo Ferreira (2012, p. 26-27), nesta mesma década outros folhetins surgiram na cidade como: (1).1933: *Jornal de Campina Grande*, *AEC Jornal*, *Almanaque de Campina Grande*, *Comércio de Campina Grande*; (2).1934: *Praça de Campina*, *O Farol*, *A Batalha*, *A Ordem*, *A Frente*, *Flâmula*, *Evolução Jornal*; (3). 1936: *A Voz da Mocidade*; (4). 1937: *Voz da Borborema*, *O Colegial*; (5). 1938: *Revista Idade Nova*.

<sup>8</sup> O *Jornal Brasil Novo* circulou pela primeira vez em 10 de janeiro de 1931. Seu próprio nome anunciava a apologia ao governo revolucionário instituído em 1930. Segundo o jornal *Comercio de Campina* ele funcionou apenas por um ano na cidade.

também na produção de ideias e projetos educacionais. De iniciativa do professor Almeida Barreto, a criação deste jornal é assim descrita na *Revista Evolução*:

Em nossas oficinas será editado um semanário com a denominação acima mencionada, sob a direção do nosso prestimoso redator-professor Almeida Barreto. Pelo que estamos informados, o novo jornal não terá feição política; e terá como finalidade exclusiva fazer o registro dos acontecimentos de interesses gerais, veiculando idéias defensivas e propagadoras das classes comerciais, industriais e agrícolas. Louvamos a iniciativa do prof. Almeida Barreto pois não se compreende que a cidade líder paraibana tolere a ausência de um órgão de publicidade mesmo modesto, como se anuncia o seu aparecimento. Como é notório, o Tenente Alfredo Dantas, infatigável dinamizador das letras em nosso meio, afim de mais à vontade, editar nossa revista, arrendou as oficinas do ex-Correio de Campina, onde será impresso o novo jornal e onde se pode fazer toda sorte de trabalhos gráficos para o Comercio desta praça e do interior. Aguardamos com ansiedade o Comercio de Campina (*Revista Evolução*, Nº 1, 1932, p. 28).

Além das notícias, o jornal realizava inúmeras propagandas comerciais, como também trabalhos gráficos de outras ordens, a título de angariar fundos que também auxiliassem financeiramente sua sobrevivência. Para Araújo (2002, p. 96), o jornal é perpassado por interesses diversificados, entre eles os políticos e econômicos. “Qualquer empresa jornalística é possuidora de uma mercadoria, e ela tem um preço - qual é a razão de ser da assinatura, do anúncio comercial, senão servir como mecanismo de troca?”. Troca não só de dividendos, como de notícias, anúncios, ideias e concepções, continua o autor. Como aponta a citação, o jornal funcionava nas oficinas do ex-jornal *Correio de Campina* e tinha como gerente Abilio Lins. Sua assinatura variava de valores entre \$200 (para número avulso), 10\$000 (para assinatura anual) e 6\$000 (a semestral).

O Instituto Pedagógico e a cidade de Campina Grande cresceram sob os olhares atentos destes dois homens, Alfredo Dantas e Almeida Barreto,

produtores dos impressos que como “mediadores” souberam construir para urbes cidadãos aptos à pátria. Ambos eram “forasteiros”, que sonhavam em construir uma vida promissora em Campina Grande. Alfredo Dantas<sup>9</sup>, paraibano, nascido em Teixeira e, Manoel Almeida Barreto<sup>10</sup>, de Canguaretama, no Rio Grande do Norte. Movidos pelos ares de progresso e desenvolvimento que se instauravam no município campinense, os dois de identidades tão distintas - o primeiro, tenente reformado do exército; e o segundo, ex-padre - se uniram pela causa das letras na cidade.

Participantes do que poderíamos denominar de “*intelligentsia* campinense”, juntamente com Cristino Pimentel (colunista e jornalista) e Elpídio de Almeida (médico), eles compunham a classe intelectual campinense. Pensar sobre isto se torna possível quando fazemos menção à História das Ideias, que, segundo Vieira<sup>11</sup> (2014a, p. 1), “[...] foi tratada de maneira a focar não somente as teorias, os sistemas de pensamento, mas também os agentes, os projetos, as instituições e, sobretudo, as ações que estas informavam e justificavam”.

*Intelligentsia* era o termo antes utilizado para definir os intelectuais, que segundo Vieira (2014a) é constituído de sentido polissêmico<sup>12</sup>. Também compreendida como aquela que define os membros mais educados e cultos de uma sociedade, a *intelligentsia*, segundo Vieira (2014a), também estava

<sup>9</sup> Segundo o Memorial Urbano de Campina Grande (1996), Alfredo Dantas Correia de Goes nasceu em 17/11/1870. Filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Goes, presidente interino da Paraíba em 1889, casou-se com Ana de Azevedo Dantas (Yayá). Faleceu em 19/02/1944 de câncer. Atualmente a cidade de Campina Grande possui o Colégio Alfredo Dantas, uma rua e uma praça com o nome do Tenente.

<sup>10</sup> O professor Manoel de Almeida Barreto nasceu em 10/01/1886. Filho de Manoel Rodrigues Barreto e Cândida de Almeida Barreto, aos 10 anos ficou órfão. Foi, então, criado por um tio que era Bispo. Chegou a ser ordenado padre, mas desistiu da vida sacerdotal. Foi professor em Mossoró e em Natal. Em 1927 passou a residir na cidade paraibana de Campina Grande, onde criou seus 3 filhos e dedicou-se ao magistério em diferentes educandários da cidade. Chegou a assumir, interinamente, o cargo de Prefeito, quando era secretário municipal campinense. Depois de 42 anos contínuos de dedicação ao ensino, aposentou-se em 1948. Faleceu em 16/02/1962, em Recife, mas foi sepultado em Campina Grande, onde existe uma rua em sua homenagem. (Memorial Urbano de Campina Grande, 1996)

<sup>11</sup> Para Vieira (2014b), a *intelligentsia* educacional, durante os anos 80 e 90 do século XX, permaneceu focada em novas bases teóricas, que fundamentavam a criação de um campo de pesquisa denominado “História das Ideias”. Ainda, segundo Vieira (2014b), a “História das Ideias” passa a ceder lugar, dentro do campo da História da Educação, à “História dos Intelectuais, ou também, História Intelectual”.

<sup>12</sup> Vieira (2014a) aponta três teorias que tomam o termo intelectual de forma distinta: 1. Segundo Karl Mannheim, se entende por intelectual aquele que é “mediador de conflitos”; 2. Para Antonio Gramsci, o intelectual é um “dirigente e organizador da cultura”; Pierre Bourdieu, vê no intelectual um “produtor de capital simbólico”.



associada à ideia de uma elite, que, formada em alto grau de instrução, substanciava um pequeno grupo, responsável pela elaboração de propostas sociais para toda uma coletividade. Encontramos, nesta perspectiva, Almeida Barreto e Alfredo Dantas delineados nestas caracterizações, como intelectuais que pensam a educação de acordo com seu grau de instrução e do papel social que assumem na sociedade campinense.

Representantes de um “[...] *ethos* da renovação, da modernidade, da civilidade, do progresso do povo e da nação” (VIEIRA, 2014a, p. 3), estes homens de vida pública possuíam discursos educacionais nacionalistas que engrandeciam a pátria, mas também formavam o cidadão que deveria habitar nela, adequando-os segundo a percepção das mudanças que se delineavam no Brasil na época. Anunciadores do “novo”, com apelo cívico, divulgavam novas formas de pensar e agir, diante de um fenômeno social que imputava às instituições o exercício das práticas higiênicas. Além da própria escola, os professores utilizavam a imprensa como um espaço de educação de corpos e sensibilidades.

Em carta aberta, o tenente Alfredo Dantas coloca sobre o professor Barreto a responsabilidade de ser editor chefe destes impressos produzidos pela Instituição, saindo de cena pelas inúmeras ocupações pedagógicas que assumia no Instituto Pedagógico, mas também por questões outras que ficaram para nós difíceis de investigar.

Presado amigo professor M. Almeida Barreto  
[...] Concertado entre nós ambos a uma fundação e título - “Comercio de Campina” - o fizemos circular com um programa em que assumimos compromissos de interesses gerais, sem cores políticas, atenta a nossa situação de educadores profissionais. Deste modo fizemos circular, simultaneamente, com aquela revista, os primeiros números do semanário em apreço. A minha vontade, fosse V. o único responsável direto pela sua publicação, por isso que, afazeres muitos, me não permitiam a frente de uma obrigação dependente de possibilidades intelectuais que não fossem as do ensino didático e profissional de que me achava incubido no Instituto Pedagógico. A sua relutância consenti figurar na direção conjunta desse organ de publicidade,

não só, assumidores da responsabilidade de material, de fato, como técnica, de hipótese. - Um auxiliar inútil, acumulado de ocupações. E o que é peor: - um OPERADOR de pena carrapichada e nebulosa, a serviço da imprensa! Não era político? [...]. Este que parte como touros chega como maruins de pântanos. Definir atitudes? Para que se elas são conhecidas?! Figurando no fronte do “Comercio de Campina” como um dos seus diretores, qual a tela cinematográfica nada mais faço sinao, servir de tropeço a IDEAIS OUTROS, que o fulgor, de sua pena de ouro, pode elevado a potenciação maxima. Não me sinto bem, continuar sem dar fruto, “toda árvore que não der fruto será cortada e atirada ao fogo”. [...] Abraço muito afetuoso, Alfredo Dantas (*Comercio de Campina*, 03 de setembro de 1932).

A citação acima além de denunciar o ritmo frequente de trabalho que o tenente Alfredo assumia como diretor da escola, preocupado com questões pedagógicas e administrativas e colaborador dos impressos produzidos pela instituição, carrega também as justificativas e a autocrítica do tenente quanto as suas participações figurativas nas matérias produzidas pelo hebdomadário, confirmando a liderança e a atuação ativa do professor Barreto na elaboração e revisão das matérias produzidas no jornal *Comercio de Campina*. Conflitos e tensões ainda aparecem como frutos da ligação que o tenente possuía com o jornal, e que acreditou ele ser a causa das muitas perseguições que vivencia o periódico quando em suas publicações. Estas e outras questões o fariam abdicar da liderança deste periódico, repassando toda a responsabilidade de sua editoração ao professor Barreto, que desde antes já aparecia como a mente que gestava a criação destes impressos produzidos pela instituição.

Os projetos que juntos encabeçaram deram novos contornos às propostas educacionais em Campina Grande. Por isso a nossa escolha em apresentar e discutir as ideias destes dois professores, como pensamentos que se associavam e se articulavam em prol dos projetos educacionais da cidade.

## Tenente Alfredo Dantas: “Porte altivo de patriarca” e precursor da educação profissional em Campina Grande

Diretor do Instituto Pedagógico, era o tenente uma figura emblemática, um “homem-instituição”<sup>13</sup>. “Fardado de branco, de porte altivo, patriarca dos valores bíblicos” (Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 1969), era um homem descrito como guardião da moral e dos valores tradicionais. Formado dentro de uma educação rígida e bélica, foi ex-aluno da Escola Militar do Ceará, durante os anos de 1889 a 1897. Levou para a vida de educador os princípios militares estando de “‘Braço as armas feito’, depois a mente às letras dada, pela mais nobre e árdua missão de educar a mocidade” (*Revista Evolução*, Nº 3, 1931, p. 6).

Por ser um homem de visão, assumiu para si a tarefa de levar para Campina Grande uma educação profissionalizante. Uma cidade que se destacava há muito pelo comércio do algodão, aberta para receber os que vinham de fora com intenções de fazer negócios na cidade, representava um espaço adequado para a fundação de uma escola que estivesse voltada à formação das profissões. Desta maneira, se tornou em Campina um personagem histórico, cujas imagens/representações sobre ele ressaltam suas ações pedagógicas inovadoras.

Esposo de Ana de Azevedo Dantas, mais conhecida como Dona Yayá, não tinha filhos consanguíneos, adotando a enteada Esther de Azevedo como filha e, possivelmente, sucessora de suas atividades educacionais. Professora do Instituto desde sua fundação, Esther chegou a assumir o Ginásio Alfredo Dantas, mas após a morte do padasto, em obediência à mãe, repassou a direção para o então comprador da escola, Severino Loureiro.

Uma guerra norteada pela causa das letras: este era o lema do tenente, que tinha em mente o projeto de tornar uma cidade educada pela escola. Entre seu legado estava a “[...] disciplina e abnegação às causas educacionais e culturais” (DINOÁ, 1993, p. 251) na cidade.

E é que o tenente Alfredo Dantas tem o contorno lendário de uma personalidade com duas vidas, apresentando seus contrastes e confronto: - a do militar e a do

---

<sup>13</sup> Termo utilizado por Portes (2009), para definir Francisco Mendes Pimentel.

educador. Ambas aparentemente distintas, porém, na realidade, idênticas. Qualidades que exigem na moldagem de uma, são indispensáveis para outra: - rigidez de caráter, atitude nobre, elevação do espírito, vontade infrangível. São esses os quatro pontos cardeais para onde se dirige a bússola do espírito humano. Tudo mais são pontos colaterais que pouco influem no contexto elucidativo da personalidade. O diretor do Pedagógico formou o seu espírito num ambiente de disciplina e de bravura. Aluno da Escola Militar, ao tempo em que o Marechal de Ferro consolidava a República, para ele da guarda juvenil dos cadetes que formavam o cordão sanitário em torno do Marechal, para salvar a jovem República. Firmeza, lealdade, decisão, pontoalidade, - eis o traço vivo da vida do galvanizador republicano, actuando no espírito daquela centuria de mancebos, decididos para a vida e para a morte, ao lado de Floriano Peixoto (*Revista Evolução*, N° 3, 1931, p. 6).

Esse conjunto de atribuições fez do tenente a identidade do Instituto Pedagógico, educando alunos/as como soldados, pela modelação do caráter e inserção da disciplina. Para Foucault (2006, p. 117), o soldado era um sujeito fabricável, uma máquina coagida e calculada, uma figura que “[...] se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia”. Por estes traços inscritos no corpo pela formação militar, é que Alfredo Dantas de longe se fazia reconhecível, adotando uma postura de coerção disciplinar como prática de autoridade na escola. Era imprescindível blindar o corpo e o espírito da mocidade campinense, educá-la e redimi-la às novas premissas republicanas, que buscavam um jovem brasileiro ordeiro e disposto ao servir à pátria. Como o obreiro desta causa, dava ensejo e legitimidade a sua iniciativa privada em Campina Grande.

Em cima da figura do tenente e de sua formação educacional e militar, era que se constituía um homem aperfeiçoado, provido de “firmeza e lealdade”, para desempenhar a missão de levar para a escola a defesa dos valores patrióticos e morais, afinal “[...] Para se ser militar, ou educador, faz-se necessário sorrir ante a adversidade, ter animo sereno para não desviar-se da rota que se traçou” (*Revista Evolução*, N° 3, 1931, p. 6).

Portador de duas funções que adquiriam sentidos importantes no contexto da época, o tenente não deixava de ser um visionário, que desejava transformar o Instituto Pedagógico em “[...] um educandário modelar, com uma escola normal bem arregimentada, como a da capital, pela qual se molda rigorosamente” (idem, p. 7).

Como os demais mártires da República defendiam seus ideais, em Campina Grande se construía também uma investida educacional pelas mãos daquele que “[...] na milícia foi combatente, nesta outra milícia civica muitos combates há dado á treva espiritual, que à guisa de nebulosa, pela ação do mestre, vai se convertendo em pontos luminosos, no firmamento humano” (Ibidem). Mesmo não tendo nenhuma formação acadêmica para atuar na área educacional e não compondo o corpo docente da escola, seria Alfredo Dantas em Campina Grande, mais enfaticamente até os anos de 1937<sup>14</sup>, aquele que “limparia” a escuridão causada pelas doenças citadinas.

A falta de uma formação acadêmica para a docência não o exclui do grupo da “*intelligentsia* campinense”, uma vez que para Vieira (2014c) a definição de intelectual não está atrelada a nenhuma formação ou posição institucional específica. Mesmo sem produções teóricas na área educacional, Alfredo Dantas se fez atuar no cenário educativo campinense, fazendo de sua escola projeto de ação e referência para as demais. Sua função social ditava a formação cultural da mocidade, tanto pelos impressos pedagógicos e jornalísticos que produzia, quanto pela seleção do que era e deveria ser ensinado na escola. Se seu objetivo era fazer parte da história da cidade, ele conseguiu, tendo atualmente seu nome edificado em construções que se localizam no centro da cidade, como o colégio e a praça Alfredo Dantas.

Por meio de seus instrumentos de comunicação, estimulou nos/as alunos/as uma fé irrestrita para com a pátria e com o progresso que ela almejava instituir, assumindo o papel de reorganizador da sociedade campinense, a partir das novas configurações dadas ao ambiente escolar. Sua trajetória se confunde com o caminho de busca pelo desenvolvimento percorrido pela cidade, estando o Instituto Pedagógico como causa, mas também instrumento impulsionador da modernização da cidade.

---

<sup>14</sup> Até este ano, apenas o Instituto Pedagógico formava profissionalmente.

[...] Ten. Alfredo Dantas Correia de Goés, vencendo obstáculos e inauditos, provando com fatos, que não visava lucros, mas sómente proporcionar à Campina Grande uma instituição de ensino que fosse parcela eficiente no seu desenvolvimento, que então, se avantajava. Foi, sem dúvida, precursor do ensino técnico desta cidade, fundando os cursos propedêutico, de perito contador e conseguindo equiparar o Colégio à escola Normal do Estado. O colégio cresceu com a cidade, sendo já causa atuante na sua prosperidade vertiginosa. O seu labor foi intenso durante 25 anos; a estas alturas o Colégio chegou com o conceito singular de preparar bem os moços que o freqüentavam, moral, intelectual, cívico e tecnicamente, formando gerações capazes de servirem, com vantagem, à Pátria, à família e à sociedade (Severino Loureiro. Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 1975).

Essa vocação pedagógica e missionária que alcançava “O espírito crítico e o senso estético” (NEPOMUCENO, 2010, p. 87) de Alfredo Dantas norteou também a trajetória de outros oficiais do exército. Essa entrada de militares na escola não é própria da república, mas remonta ao séc. XVIII, quando os oficiais do exército atuavam como professores. Eles eram requisitados pelo Estado devido a sua qualificação intelectual e ao auxílio que prestavam nas iniciativas monárquicas.

Alfredo Dantas, além de tenente do exército e diretor do Instituto, desenvolveu diversas funções no campo jornalístico e educacional em Campina Grande, se tornando um intelectual frequentemente requisitado por ter transformado o Instituto em uma escola pioneira ao que se concebia, à época, como renovação pedagógica. Essa combinação de “tradição” (representada pelo modelo militar) e “inovação” (aliada aos novos referenciais pedagógicos que surgiam à época) proporcionou à instituição papel relevante no panorama pedagógico paraibano e, especialmente, campinense.

## **Manoel Almeida Barreto: um intelectual catedrático do Instituto Pedagógico**

Manoel de Almeida Barreto foi professor do Instituto Pedagógico desde sua fundação até os primeiros anos do Ginásio Alfredo Dantas. Esposo

de Maria Nazareth Barreto, também professora e inspetora do Instituto, exerceu funções políticas, atuando como secretário do governo municipal de Vergniaud Wanderley em 1936. Ex-padre, deixou o sacerdócio, passando a ser componente da Loja Maçônica Regeneração Campinense<sup>15</sup>, fato este que lhe rendeu inúmeras críticas

Associado à urbanidade, à cordialidade no trato com as palavras e à lisura dos costumes, Almeida Barreto é descrito por Pimentel (2001, p. 123) como um professor de “[...] formação espiritual e religiosa”, atributos que lhes daria subsídios para conduzir com valores humanitários a vida docente. Professor de francês do Instituto, Almeida Barreto deu início no ano de 1931 a uma carreira política curta, que logo encerrou em 1942. Segundo Pimentel (idem, p. 124), “O professor Barreto impunha-se pelo seu valor e pela sua alma bondosa. Tornou-se homem público. [...] Foi secretário da Prefeitura Municipal e algumas vezes sentou na cadeira maior, substituindo o Prefeito”. Pela sua idoneidade, Pimentel (2001) afirma que o professor havia sido pego pelas falsas mãos da política, mas ele não combinava com este cenário e por isso “[...] Afastou-se da política. Sua alma era limpa, sem nódoa alguma para misturar-se com as indecências dos políticos” (ibidem, p. 124).

Não mais um mero professor que nada mais trazia na bagagem do Rio Grande do Norte para a Paraíba além de planos e inteligência, agora político e também diretor do Ginásio Campinense<sup>16</sup>, o professor Barreto ia galgando espaços e posições sociais destacáveis localmente. Reconhecido publicamente pela sua inteligência, cita a *Revista Evolução*:

De volta de sua excursão científica e pedagógica no interior do Estado do Rio Grande do Norte, onde teve oportunidade de por á prova evidente, *o fulgor da inteligência e capacidade tribunica*, acha-se entre nós, esse nosso estimado redator-chefe, professor Almeida

<sup>15</sup> A Regeneração Campinense é citada pelo jornal *Comercio de Campina* (16 de abril de 1932) pelas ações filantrópicas que realiza, tanto através do programa “Gota de Leite” quanto pelo atendimento de crianças doentes no Hospital Pedro I, de natureza maçã.

<sup>16</sup> O Ginásio era uma escola particular que funcionava com curso primário e ensino de datilografia em prédio cedido pela Sociedade Deus e Caridade, localizado na rua Visconde Pelotas, 715.

Barreto. Em Mossoró de onde é filho, foi recebido intuitivamente pelos seus amigos e parentes. Esse nosso presado companheiro de redação, retorna aos carinhos de sua honrada família onde tem recebido inumeros abraços dos seus amigos, e aos labores de seu magistério [...] (*Revista Evolução*, Nº5, 1932, p. 21) (*Grifos nossos*)

Essas “excursões” pareciam não ter apenas um teor científico. Mentor e editor chefe da *Revista Evolução*, Almeida Barreto não cuidava apenas da composição das matérias, mas também da elaboração gráfica, impressão e venda destes exemplares. É o que ele mesmo anuncia na citação abaixo:

Em minha excursão feita na última quinzena de Janeiro em varios municípios do meu Estado natal, aproveitei o ensejo para angariar algumas assinaturas da “Evolução”. Era natural que eu dissesse bem da revista, como um noivo elogia a eleita de sua preferência. Entretanto, por mais abemoladas que fossem as minhas frases elogiosas sobre a revista, sentia logo que entoavam bem ao ouvido do freguêz. *Res non verba* - dizia, apresentando-lhe um exemplar da <Evolução>. - Primeiro número? Investigava o bem impressionado leitor. - Não, já é o quarto, respondia-lhe, para afirmar que a revista de feição tão atraente, não tinha existencia efemera de uma flor que se abre para receber os beijos do sol matutino e morre ao cair da tarde. E a <Evolução> passava de mão em mão, voltando-me o exemplar todo perfumado de louvores á cultura das letras em Campina Grande. E eu, enlevado pelas palavras dos conterraneos gentis, nas folhas amarrotadas pelas suas mãos e tingidas pela luz de seus benefícios olhares, - sentia sem mesmo saber por que, - um ôdor de violetas machucadas (M. de Almeida Barreto, *Revista Evolução*, Nº6, 1932, p. 4)

Oferecer a revista de lugar em lugar, em alguns instantes poderia simbolizar para ele algo de menor. Como convencer o freguês a obter algo tão especial? Segundo Vieira (2014c, p. 2) o trabalho de um intelectual enfoca diversas dimensões “[...] de tal maneira que a produção, a disseminação, bem como as funções de direção e de organização de projetos sociais”



amplia o sentido da atividade intelectual. Feita pelas suas próprias mãos, substanciada pelas suas ideias, a *Revista Evolução* trazia o frescor renovador das novas acepções educacionais.

Além de desejar dirigir culturalmente os mais variados temas, o impresso visava nortear o pensamento e a formação da mocidade campinense. Seu “[...] valioso núcleo de espíritos com capacidade para dinamizar o progresso nas letras” (*Revista Evolução*, Nº1, 1931, p. 9), servirá de exemplo para aqueles que quiserem ensaiar os primeiros voos de uma produção intelectual. Para além da própria elaboração de matérias, os/as alunos/as tinham suas condutas formadas e educadas pela leitura deste *magazine*, que ultrapassava os muros da escola, adentrando a sociedade campinense, mas também outras regiões do nordeste. “A <Evolução> é lida, hoje, em Parelhas, Acari, C. Novos, Mossoró, e Nova Cruz. [...] Uma cousa digna de menção, para Gaudio dos campinenses, é que a <Evolução> é um índice de cultura que bem recomenda as letras nesta cidade. [...]!” (*Revista Evolução*, Nº 6, 1932, p. 4)

Como porta-voz não só da cultura campinense, mas também do próprio Instituto Pedagógico, a *Revista Evolução* era mais um fio que intercalava a escola às coisas da cidade. Posta como uma leitura “edificante” para os jovens, o periódico traz em seu editorial a preocupação em veicular “[...] o seio pletórico, que é o meio social de Campina Grande” (*Revista Evolução*, Nº 1, 1931, p. 9). Seu interesse maior estava em “[...] fazer algo de útil e agradável a bem da comunhão intelectual da terra em que vivemos” (idem).

Havia duas produções dirigidas por Manoel Barreto, a *Revista* e o *Jornal Comercio de Campina*, mas de caracterizações bem distintas e significativamente definidas, afinal o público leitor destes impressos variavam em idade e em jogo de interesse. Essa produção de periódicos pelo Instituto Pedagógico revelava a estratégia de promoção da instituição, mas também de seus redatores, que tinham pela leitura o nome associado às discussões de cunho educacional e comercial, o que os tornavam referência nestas questões em Campina Grande e arredores.

Temas como as reivindicações sindicais eram discutidos no jornal, a começar em sua primeira edição pela idealização de uma Associação de Professores para Campina Grande. Autor da ideia, Manoel Almeida Barreto se incomodava com a difícil situação em que viviam os professores no Brasil na época, sendo concebidos como “[...] figuras de contorno indiciso, sem personalidade quase no meio social” (*Comercio de Campina*,

19 de março de 1932). Para Barreto, os docentes tinham uma missão civilizadora, desenvolvendo papel importantíssimo na realização dos planos que edificavam a nação. Esta posição deveria munir os professores, para ele, no mínimo de boa remuneração. Em artigo intitulado “Apelo aos professores desta cidade”, o educador aponta a necessidade de criação de uma instituição que melhor representasse e defendesse os direitos destes profissionais:

Existe, entre nós grande número de docentes que bem poderiam se organizar. Formando uma sociedade de cultura e aperfeiçoamento. Não é só essa a única finalidade. Uma vez organizada a associação, muitas outras resoluções se poderiam tomar para defesa da classe. Um dos motivos por que o professor no Brasil, em geral, é apenas uma sombra de gente, incontestavelmente, é pelo insulamento em que vive, sem uma força de coesão que faça do professorado um todo homogêneo em ação conjunta. Será por esse meio que os professores criarão a sua personalidade coletiva com respectivos direitos de classe. Se o futuro do Brasil está em suas mãos, por que se não há de dar ao professor o que de justiça lhe cabe? Plasmador da civilização, entretanto está a mercê de uma minguada sorte, sendo ele próprio inimigo de si mesmo. [...] Faz-se preciso a força da afinidade - o amor à classe, em que todos por um e um por todos façam sentir a ação catalítica de sua presença no meio em que vive (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932).

A primeira reunião desta Associação aconteceria logo em seguida à publicação do jornal e obteve grande adesão por parte dos professores. Foi presidida por Almeida Barreto, que também cedeu o espaço do Ginásio Campinense para sua realização. Este encontro poderia marcar o surgimento de uma classe organizada e coesa, que lutaria pela realização de cursos de formação e eventos pedagógicos, mas também pela aquisição de equipamentos de trabalho e recursos didáticos para os professores campinenses. Não podemos afirmar se esta Associação dos Professores se consolidou na cidade, porque até o último dia de publicação do jornal *Comercio de Campina* nada mais foi publicado neste sentido.

Além de uma atividade “plasmadora e cívica”, era o magistério aos olhos de Barreto um trabalho difícil de executar, uma vez que à escola era dada a responsabilidade de salvar o Brasil. Ele aponta no artigo “A renovação do Brasil pela Escola”, a carência do país quanto à existência de escolas e hospitais, curas essenciais dos males que assolavam a população brasileira:

[...] Não temos cidadãos limpos de coração, se não raros exemplos, aparecendo no Paul do vale, como uma flor de lótus. A maioria sem instrução, uma terça parte sem educação civica, ainda que ilustrada. Referimos-nos a costumes políticos. Mal saímos do regime de ficções democráticas, vivemos a braços sem poder organizar o novo, pelos embaraços que se nos antolham. Veem á tona as turpitudes da vida publica. De um lado, os suntuosos mendigos do erário publico. Do outro, mendigos de verdade. Uns por corrupção, outros por incapacidade intelectual. [...] Com o povo que temos, a Republica é essa, de hontem, como hoje. [...] Gente sem patria e patria sem gente é quasi o que somos para formar uma republiqueta nos vastos domínios da America do Sul. Qualquer organização partidária que se forme, nesse ambiente deprimido, refletirá a mentalidade escassa dessa pobre gente, sem outra expressão civica que a do pulmão para falar, gongoricamente, e censurar, inconscientemente, os governos que são mandatários dessa mesma gente. A renovação do Brasil nem nos virá dos pampas gaúchos, nem da Paulicéa. [...] *E vós, professores, plasmadores do Brasil de amanhã, obreiros obscuros desse corpo opaco-massa, falida em unha dos ferozes síndicos políticos, deveis ser os limpos de coração para não contagiar os alvinetes pioneiros do porvir: Tomai por divisa o teor de vida do imortal Pestalozzi: “vivi como mendigo para ensinar a mendigos a que vissem como homens”, a civilização é o preço das lagrimas!... (Comercio de Campina, 30 de julho de 1932) (Grifos nossos)*

A política que se vivia no Brasil da época é veementemente criticada nesta citação, como uma substância que entorpece os sujeitos, poluindo seus corações. São os políticos mendigos que não careciam de dinheiro,

mas de valores e princípios patrióticos. Era nesse “ambiente deprimido”, “doente” e “ignorante” que o professor deveria operar, salvando o povo por sua atuação missionária.

As concepções de uma educação cívica e para o trabalho, que defendiam os docentes como agentes estratégicos nos planos da civilização, traduzem o percurso de Almeida Barreto, um professor intelectual que atuou para além das salas de aula, produzindo e divulgando ideias que objetivavam reformar a prática docente. Sabia ele que dos professores partiam as ações cívicas, que manipulavam opiniões e regulavam condutas. Como multiplicadores, os professores precisavam estar cientes do lugar social que ocupavam, vendo no magistério a grande oportunidade de “alfabetizar” o país e dar-lhe o domínio das letras.

## Referências

ARAÚJO, J. C. S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo mineiro: a revista A Escola (1920-1921). In: ARAÚJO, J. C. S.; JÚNIOR, D. G. (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 91-132.

CARVALHO, C. H.; ARAUJO, J. C. S.; NETO, V. G. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia - MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S.; JÚNIOR, D. G. (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 66-89.

DINOÁ, R. **Memórias de Campina Grande**. Campina Grande: Copyright, 1993. v. 1 e 2.

FERREIRA, R. **Relatos de Campina**. Esperança: Edições Banabuyê, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 31. ed. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

FRADE, I. C. A. da S. **Revistas Pedagógicas: qual é a identidade do impresso?** In: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. (orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 99-118

JORNAL BRASIL NOVO. Campina Grande, 1931.

JORNAL COMERCIO DE CAMPINA. Campina Grande, 1932.

MARTINS, A. L. **Revistas em Revista**. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

NEPOMUCENO, M. de A. Intelectuais militares, vias de transporte e comunicação e educação em Goiás (1917-1935). In: ALVES, C.; NEPOMUCENO, M. de A. (orgs.). **Militares e educação em Portugal e no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Quartel, 2010. p. 85-121.

PIMENTEL, C. **Mais um mergulho na história de Campina Grande**. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.

REVISTA EVOLUÇÃO. Ano 1, n. 1 a 9, 1931-1932.

RODRIGUES, J. E.; GAUDÊNCIO, E. O.; ALMEIDA FILHO, S. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1996.

VIEIRA, C. E. **Intelectuais e modernidade: o discurso sobre a educação na imprensa periódica paranaense na década de vinte**. In: ANPUH - Simpósio Nacional de História, 23. Londrina, 2005. p. 1-8. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1142.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Intelligentsia e intelectuais. Sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual**. **Revista 16**, 2008. p. 63-85. Disponível em: <<file:///C:/Users/PVL/Downloads/109-348-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2014a.

\_\_\_\_\_. **Historia dos Intelectuais: representações, conceitos e teorias**. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Carlos%20Eduardo%20Vieira/Carlos%20Eduardo%20Vieira%20-%20Texto2.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014b.

\_\_\_\_\_. **Educação e modernidade no projeto formativo de Erasmo Pilotto**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Carlos%20Eduardo%20Vieira/Carlos%20Eduardo%20Vieira%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014c. p. 1-9.